

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO SOBRE A BIOTECNOLOGIA A VOZ DOS AGRICULTORES ECOLOGISTAS

Ilza Maria Tourinho Girardi¹

ilza.girardi@ufrgs.br, ilzamariagirardi@yahoo.com.br

RESUMO:

A análise do discurso do agricultor ecologista sobre a biotecnologia demonstra que ele considera a agricultura ecológica uma biotecnologia. Esta pode contribuir com a preservação da biodiversidade e diversidade cultural e ajudar a resolver o problema da fome no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Biotecnologia. Agricultura Ecológica.
Discourse. Biotechnology. Organic Agriculture.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo evidenciar como os agricultores ecologistas constroem o seu discurso sobre a biotecnologia e qual a relação que fazem dela com a agricultura ecológica. Está baseado em duas pesquisas realizadas. A primeira, que resultou na minha tese de doutorado², foi estimulada pelos debates em torno das vantagens e desvantagens dos transgênicos, que alimentaram e ainda alimentam o noticiário da imprensa nacional desde o início dos anos 90. Alguns períodos com manchetes e editoriais nos principais jornais e noticiários de rádio e televisão e em outros com menos intensidade. A segunda pesquisa, realizada no primeiro semestre de 2004, buscou analisar como os agricultores ecologistas constroem o seu discurso sobre o processo de certificação dos produtos ecológicos.

As evidências revelam que o discurso construído para convencer população sobre a importância da moderna biotecnologia é o mesmo utilizado na época da Revolução Verde, que pregava a necessidade de aumentar a produtividade e, conseqüentemente, a produção de alimentos para alimentar os famintos do mundo. Na Revolução Biotecnológica o discurso é enriquecido com a possibilidade que os transgênicos representam para produzir medicamentos

¹ Jornalista, professora no Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Comunicação Científica e Tecnológica (UMESP) e Doutora em Ciências da Comunicação (USP).

² O discurso do agricultor ecologista sobre a biotecnologia.

para curar ou melhorar a qualidade de vida de pessoas portadoras de determinadas doenças, além de ajudarem a proteger a natureza, já que “liberariam” os agricultores de usarem tantos agrotóxicos.

Nos embates, muitas vezes acalorados, os meios de comunicação dão voz aos vários segmentos que têm interesses econômicos a defender, como a indústria, os produtores e mesmo a pesquisa pública, governantes e políticos. O movimento ambientalista, os órgãos de defesa dos consumidores e as autoridades que se posicionam pela não liberação comercial dos transgênicos sem antes serem realizados os estudos de impacto ambiental, têm sido sistematicamente tratados como contrários aos avanços da ciência e, conseqüentemente, avessos ao progresso. Têm merecido de certos órgãos da imprensa, em especial por parte de alguns colunistas, um tratamento inclusive desrespeitoso.

A cobertura jornalística nesse caso tem falhado, com raras exceções, ao não cumprir com a função de defender a cidadania, ao não ser vigilante, não investigar e não denunciar quando os interesses da nação são ameaçados. O constante desfile dos argumentos mostrando os benefícios e riscos, muito mais os benefícios do que os riscos, não tem iluminado o debate. Por que os consumidores e donas-de-casa quase nunca são ouvidos? E os agricultores ecologistas, cuja prática aponta para um outro caminho também não têm merecido a atenção da imprensa. Se tais segmentos fossem ouvidos, o foco da discussão no mínimo nos revelaria que estamos gastando energia discutindo algo que não tem importância e que cedo ou tarde o embuste dos transgênicos será desnudado, como foi o dos agrotóxicos e dos fertilizantes solúveis, que foram os propulsores da Revolução Verde.

O tempo passou e a fome no mundo continua sendo um dos maiores crimes contra a humanidade. A produção de alimentos em certos momentos aumentou, mas devido ao avanço da fronteira agrícola sobre as florestas e outras áreas não recomendáveis para agricultura, como aliás continua acontecendo no Brasil.

Essas reflexões me inspiraram a retomar a investigação, já mencionada, que sustentou minha tese de doutorado defendida em 2001 (GIRARDI, 2000), atualizando-a com outra pesquisa mais recente, realizada no primeiro semestre de 2004. Nos dois momentos observei que o discurso jornalístico é atravessado fortemente pelos discursos científico, produtivista e ecológico. Este é perpassado pelo discurso sobre sustentabilidade vinculado à corrente teórica ecotecnocrática, que se apropriou do discurso ecológico do movimento ambientalista maquiando-o para torná-lo aceitável pela população.

Para a primeira pesquisa foram entrevistados 36 agricultores e agriculturas ecologistas que participam das feiras ecológicas da Cooperativa Ecológica Coolméia de Porto Alegre (Estado do Rio Grande do Sul, Brasil) e que são associados à instituição. Seu objetivo foi verificar qual é o discurso do agricultor ecologista sobre a biotecnologia, como ele discurso é construído, quais as suas características e quais os outros discursos que aparecem quando o agricultor expõe a sua opinião sobre em que consiste a biotecnologia. A pesquisa realizada no primeiro semestre de 2004, contou com o depoimento de 15

agricultores e agriculturas e buscou analisar como os agricultores ecologistas constróem o seu discurso sobre o processo de certificação dos produtos ecológicos.

Como já explicitarei, o interesse em realizar esta reflexão surgiu ao observar que praticamente nunca a voz dos agricultores ecologistas foi ouvida pela imprensa que procurava dar visibilidade para as diversas fontes “autorizadas” a falar sobre o tema. A ausência dos agricultores ecologistas nas páginas dos jornais e nos noticiários de rádio e televisão e a argumentação constante nas matérias nos conduz a concluir que há uma escolha pelo discurso científico porque este é considerado o discurso do avanço tecnológico, do desenvolvimento e da modernidade. O questionamento e a precaução, ao contrário, sistematicamente têm sido tratados como sinal do atraso, do obscurantismo e suas fontes são vistas como não autorizadas a falar sobre um tema tão complexo e amplo que diz respeito à toda sociedade. A imprensa tem dado prioridade à fontes cujas análises são realizadas através das lentes da ciência reducionista.

Esta situação persiste atualmente com a edição da Medida Provisória 223 que estabeleceu normas para o plantio e a comercialização da produção da soja geneticamente modificada da safra de 2005. Mesmo que a medida sirva para “legalizar as ações ilegais” dos produtores, que estimulados à desobediência por suas entidades de classe, já haviam iniciado o plantio, além de merecer críticas dos ambientalistas, que exigem os estudos de impacto ambiental, recebe críticas dos próprios produtores rurais que não concordam com a obrigatoriedade de assinar o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). Eles temem o uso que o governo poderá fazer com tais informações.

2 A POLÊMICA DOS TRANSGÊNICOS NO RIO GRANDE DO SUL

Antes de chegarmos ao objetivo deste texto é importante recuperarmos um pouco da história da polêmica dos transgênicos no Estado. Ao assumir o governo em janeiro de 1999, a coligação liderada pelo Partido dos Trabalhadores desenvolveu uma série de ações com o objetivo de tornar o Estado uma área “livre de transgênicos”. A primeira medida do Governador Olívio Dutra foi assinar um decreto regulamentando a lei que trata das pesquisas com transgênicos.

A ação do governo do Estado foi amparada pelo princípio científico da precaução e pelas reivindicações dos ecologistas e demais movimentos sociais preocupados com as conseqüências dos cultivos dos transgênicos. Mesmo assim, não o livrou de ser duramente criticado por pesquisadores, entidades representativas dos grandes proprietários rurais, políticos da oposição, especialmente alguns, cuja defesa enfática da liberação comercial dos produtos transgênicos deixava transparecer alguma relação mais estreita com a empresa Monsanto.

Enquanto foram tomadas as medidas para efetivar a zona livre de transgênicos, foram implementadas as políticas para a expansão da agricultura ecológica com ações concretas na extensão e na pesquisa agropecuária. No mesmo sentido foram efetivadas parcerias com organizações

não governamentais que atuam na área de assistência técnica ou de produção em agricultura ecológica.

Mas por que o governo do Rio Grande do Sul foi tão criticado por sua atitude? Quais os interesses que estavam sendo contrariados? Qual a relação da defesa intransigente da liberação comercial dos alimentos transgênicos com a falência do modelo agrícola, que impôs o processo de modernização no Brasil, especialmente após a segunda metade dos anos 60, quando os militares assumem o poder no país?

Para compreender este processo lembramos que as transformações da economia mundial a partir do final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) repercutiram no Brasil desencadeando a modernização da economia brasileira, que tem na agricultura um de seus segmentos mais importantes. Em torno de 1943 começaram a ser planejadas as primeiras ações rumo à modernização da agricultura, pois havia a necessidade de pensar rapidamente uma estratégia alimentar para o mundo. Como a Europa ficou totalmente destruída com a guerra, foi articulado o plano de reconstrução do continente, que também dividiu o mundo capitalista em duas partes. Optou-se por dar ênfase à industrialização europeia e japonesa, cabendo à América Latina, África e Ásia, com áreas mais propícias à agricultura, a função de produzir alimentos. (BRUM, 1988).

Inserida no processo de modernização da agricultura com o intuito de acelerá-la, a Revolução Verde constituiu-se em um programa elaborado com a finalidade de aumentar a produção e produtividade agrícola. Isso se daria através do desenvolvimento de experiências no campo da genética vegetal para a criação e multiplicação de sementes melhoradas e adaptadas às diferentes condições de solos e climas, resistentes às doenças e ao ataque de pragas. Para a sua aceitação foi criado o slogan “ vamos aumentar a produção de alimentos para salvar o mundo de morrer de fome”.

O Brasil poderia ter optado pelo caminho da reforma agrária para aumentar a produção de alimentos, gerar empregos e evitar o êxodo rural. Entretanto os governantes decidiram reformar sem mudar a estrutura fundiária. Os resultados foram desastrosos para o País e contribuíram com o crescimento da consciência ecológica. Desse modo não dando outra saída à indústria, que na busca de outras formas para continuar obtendo lucros, enveredou pelo caminho da engenharia genética. Mas ela, mais uma vez para buscar a simpatia do público, preferiu o termo biotecnologia (a tecnologia da vida!), apropriando-se também do discurso ecológico.

Nesse processo as multinacionais contam com o apoio dos governos que passam a criar medidas legais para facilitar a expansão das referidas empresas. Trata-se esse de um momento muito complexo, cuja compreensão passa pela análise do processo da globalização e do papel da mídia nesta dinâmica.

3 BIOTECNOLOGIA: TRANSGÊNICOS OU AGRICULTURA ECOLÓGICA?

A análise dos depoimentos dos agricultores e agricultoras ecologistas sobre a biotecnologia evidenciou que eles consideram a agricultura ecológica a sua biotecnologia, aquela tecnologia que permite o desenvolvimento de um trabalho em cooperação e harmonia com a natureza, produzindo um alimento de qualidade que vai gerar a vida e manter ou recuperar a saúde das pessoas. Marcas do discurso da Teologia da Libertação são encontradas nesses depoimentos quando os agricultores afirmam que o produto produzido pela agricultura ecológica gera libertação e independência econômica. Ao questionarem a manipulação do código genético e as incertezas que esta tecnologia envolve, muitos agricultores criticam aqueles que querem brincar de Deus. Neste caso são enfáticos ao afirmarem que a obra Divina deve ser respeitada.

A preocupação com o equilíbrio dos ecossistemas, com a preservação da biodiversidade e com a diversidade cultural também está entre os argumentos empregados pelos agricultores, expressa ao se posicionarem contra a liberação dos transgênicos e pelo apoio à expansão da agricultura ecológica. Eles sabem o que representa para a comunidade a perda de uma semente.

Nas falas dos entrevistados há sempre a preocupação com a saúde dos filhos, da família e das outras pessoas. Prova disso é o envolvimento das mulheres com a medicina natural, com o cultivo de plantas medicinais, quer nas Pastorais da Terra ou da Saúde, no Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais, ou nos Comitês de Saúde de suas cidades. É importante destacar que as mulheres, ao falarem da importância da agricultura ecológica e dos problemas relativos à liberação dos transgênicos, conclamam as outras mulheres a buscarem o seu espaço na sociedade, bem como a valorizarem o seu trabalho.

Os movimentos sociais e as próprias organizações que atuam neste campo têm, sabiamente, conseguido recuperar e aproveitar a qualidade do feminino – de saber cuidar da saúde – para o enriquecimento da prática política que busca mudanças mais profundas na sociedade. O emprego das palavras “vida” e “saúde” ocorreu com muita frequência nos depoimentos dos agricultores (homens e mulheres) sobre a agricultura ecológica e a biotecnologia. Eles valorizam muito a vida com qualidade, pois conhecem ou conheceram alguém que adoeceu, ou mesmo morreu, por causa dos agrotóxicos. Muitos também já foram vítimas do uso dos venenos.

Os agricultores assentados nos assentamentos de reforma agrária e aqueles que quase passaram pelo êxodo rural demonstraram ver na agricultura ecológica a chance de permanecerem na terra sendo agricultores, pela possibilidade da independência tecnológica. Além disso, reconhecem que a agricultura ecológica contribui para preservar o meio ambiente e melhorar a qualidade de vida de todos.

Os entrevistados em sua totalidade criticam a atuação da mídia, da indústria, e da pesquisa oficial que segundo eles defendem os transgênicos e não valorizam a agricultura ecológica. Inclusive muitos afirmam que precisaram e precisam pesquisar já que não têm o apoio dos órgãos oficiais de pesquisa. A recuperação da biodiversidade exige pesquisa cuidadosa e observação

permanente da natureza. É uma atividade que produz cientistas populares. Os agricultores recuperam a cultura de seus antepassados quando se lançam na busca das sementes antigas, que foram esquecidas pela imposição do modelo de modernização da agricultura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurei mostrar como os agricultores ecologistas constroem o seu discurso sobre a biotecnologia e quais as características desse discurso. Para tanto situei a biotecnologia no contexto maior que gerou o processo de modernização da agricultura para assinalar as semelhanças dos discursos da Revolução Verde e da Revolução Biotecnológica.

Os resultados das pesquisas que embasaram o artigo demonstraram que os agricultores e agricultoras entrevistados têm uma forte consciência ecológica e consideram que biotecnologia não é unicamente uma tecnologia desenvolvida em laboratório por cientistas. A sua agricultura ecológica também é uma biotecnologia, porém diferente da outra em seus propósitos, pois contribui verdadeiramente com a preservação da biodiversidade e diversidade cultural, podendo definitivamente ajudar a resolver o problema da fome no mundo. Os agricultores demonstraram saber que a agricultura ecológica possui grande potencial democrático e descentralizador, podendo reverter o processo de exclusão social e construir cidadania. Isso indica que foram interpelados pelo discurso das organizações que trabalham para a construção de uma sociedade ecossustentável, não se deixando iludir pelas promessas do discurso sobre o desenvolvimento sustentável, cuja retórica é repleta de armadilhas para seduzir e ampliar seu rebanho.

Tais constatações indicam que há esperança para a construção de um mundo melhor, solidário, com justiça social e respeito à vida e às futuras gerações. Indicam uma perspectiva positiva para os profissionais da educação e da comunicação que atuam junto às comunidades de agricultores porque são eles que fazem circular informações que desencadeiam processos comunicacionais, que vão gerar reflexões, produção de novos sentidos e transformação de práticas culturais.

REFERÊNCIAS

BRUM, Argemiro Jacob. A modernização da agricultura: trigo e soja. Petrópolis: Vozes, 1988. 200p.

GIRARDI, Ilza M. T. O discurso do agricultor ecologista sobre a biotecnologia. São Paulo, tese de doutorado, Pós-Graduação em Ciências da Comunicação/USP, 2000.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

ALTIERI, Miguel. Os mitos da biotecnologia: algumas questões éticas. In: WORKSHOP

. Rio de Janeiro, UERJ, 1998. pp.131-134.

BOFF, Leonardo. Ética da vida. Brasília, Letraviva, 1999. 244p.

BRACAGIOLI, Alberto. Agricultura ecológica: reconstruindo um mosaico de saberes. Ipê, Centro de Agricultura Ecológica, s/d. 20p (Texto para discussão)

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas, Ed. da Unicamp, 1996. 96p.

BUENO, Wilson da Costa. As sementes da discórdia: a cobertura dos transgênicos pelos jornais brasileiros. Comunicação Empresarial: Teoria e Pesquisa. São Paulo: Manole, 2003, p.219-229.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. Agroecologia e desenvolvimento sustentável, Porto Alegre, EMATER, v.1, n.1, p.16-37, jan/mar. 2000.

CARSON, Rachel. Primavera silenciosa. São Paulo, Melhoramentos, 1964. 307p.

CASTELLS, Manuel(a). La sociedad red. 3.ed. Madrid, Alianza, 1999. 592p. (La era de la información: economía, sociedad y cultura; v.1)

COSTABEBER, José Antônio. Acción coletiva y procesos de transición agroecológica en Rio Grande do Sul, Brasil. Córdoba, 1998. 422p. Tese (Doutorado) Programa de Doctorado en Agroecología, Campesinado e Historia, ISEC-ETSIAN, Universidad de Córdoba, España, 1998.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA(RS) & IGREJA CATÓLICA. Diocese de Caxias do Sul. Agricultura ecológica e a nossa globalização. Texto base 20. Romaria da Terra-RS. Porto Alegre, 1997. 23p.

EHLERS, Eduardo. Agricultura sustentável. São Paulo, Livros da Terra, 1996. 178p.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo, Edições Loyola, 1996. 79p.

FOWLER, Cary. Biotecnologia, patentes e o Terceiro Mundo. Rio de Janeiro, AS-PTA, 1992. 19p. (Textos para debate, 46)

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. Caminhos para uma agricultura sustentável. Lavoura Pecuária. Porto Alegre, v.4, n. 5, p.3-10, mar. 1981

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. Periódicos agropecuários e a ideologia da modernização agrícola. São Bernardo do Campo. IMS, 1988. Dissertação (Mestrado). IMS. 169p.

GÓES, César Hamilton. A CPT na região Sul: lutas e celebração com os trabalhadores rurais. CPT 20 anos de desafios e compromissos: seminário da Região Sul. Curitiba, 1995. p.10-13

GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio et. alii. Riscos dos transgênicos. Petrópolis, Vozes, 2000. 92p.

GUATTARI, Félix. As três ecologias. Campinas, Papirus, 1993. 56p.

IANNI, Octavio. A sociedade global. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992. 194p.

LIMA SOBRINHO, Antonio Estevam de. Fome: agricultura e política no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1981. 120p.

LUTZENBERGER, José. Ecologia: do jardim ao poder. Porto Alegre, LPM, 1985. 102p.

MATTELART, Armand. Comunicação Mundo. Petrópolis, Vozes, 1996. 324p.

MORAES, Dênis, org. Globalização, mídia e cultura contemporânea. Campo Grande, Letra Livre, 1997. 264p.

O QUE É SER AGRICULTOR ECOLOGISTA. Ipê, CAE Ipê, 1997. 34p.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, Pontes, 2000. 100p.

PINHEIRO, Sebastião. Cartilha sobre transgênicos. Porto Alegre, GIPAS/CONTAC/UITA/Fundação Juquira Candiru, 1998. 26p.

PINHEIRO, Sebastião. Transgênicos: o fim do gênesis. Porto Alegre, Fundação Juquira Candiru, 1999. 115p.

RAMONET, Ignácio. O pensamento único e os regimes globalitários. In: FIORI J.L. et alii. Globalização: o fato e o mito. Rio de Janeiro, Editora da UERJ, 1998. pp.54-75

SALDANHA, Jacques. IFOAM. Porto Alegre, Coolméia, 1992. 10p. (Texto para discussão)

SOBRAL, Helena Ribeiro. Globalização e meio ambiente. In: DOWBOR, Ladislau. et alii. Desafios da globalização. Petrópolis, Vozes, 1997. pp.140-153

THE ECOLOGIST. London, v.28, n.5, sept/oct 1998. 41p. (edição brasileira autorizada para GIPAS/Coolméia/Agirazul/ Fundação Gaia/UITA/Biomater/AGAPAN)